

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

Cândido da Cunha

O PINTOR DO MISTÉRIO DA PAISAGEM

Conferência lida no salão Silva Porto por ocasião
da abertura da Exposição dos Quadros de Cândido da Cunha, em 13 de Novembro de 1926.



PÔRTO

1926



Cunha, Cândido da

CÂNDIDO DA CUNHA

O PINTOR DO MISTÉRIO DA PAÍSALEM

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº

60067

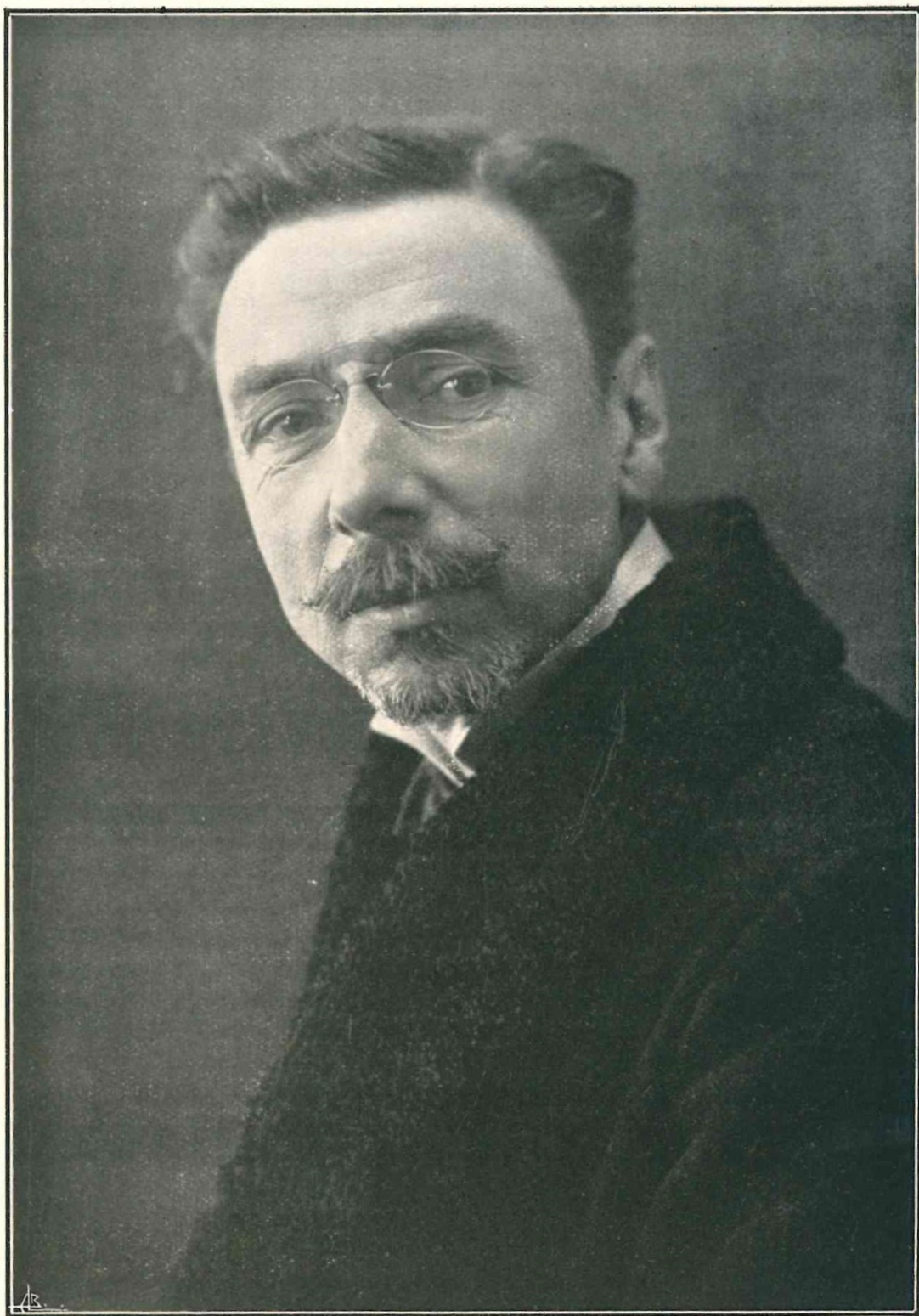
Barcelos

Legado

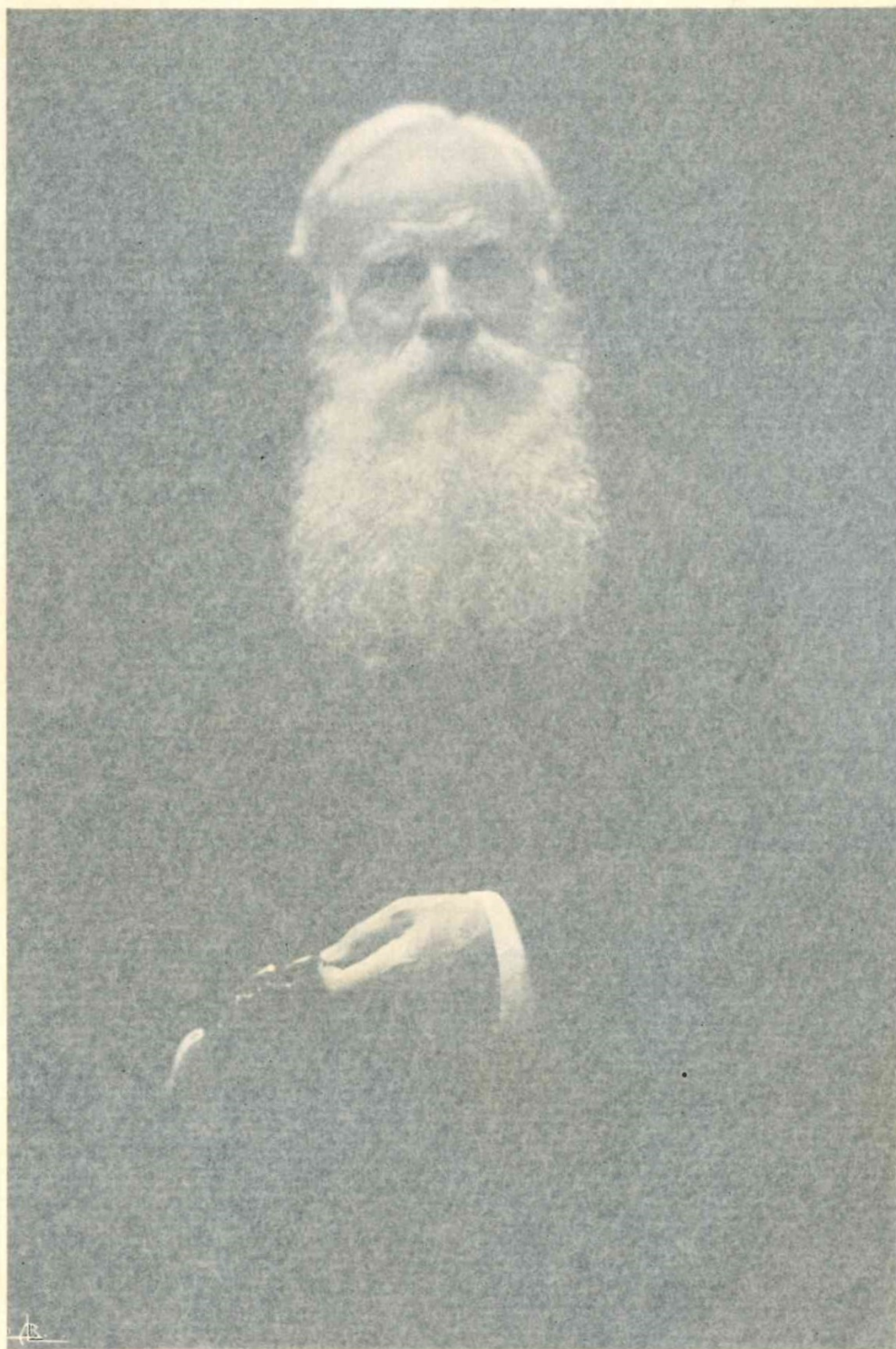
Alvaro Arezes L. Martins

DESTA EDIÇÃO FORAM TIRADOS 10 EXEMPLARES EM PAPEL
WHATMAN RUBRICADOS PELO AUTOR, N.º 1 A 10; E 500
EXEMPLARES EM PAPEL DE LINHO, NUMERADOS DE 11 A 510

318



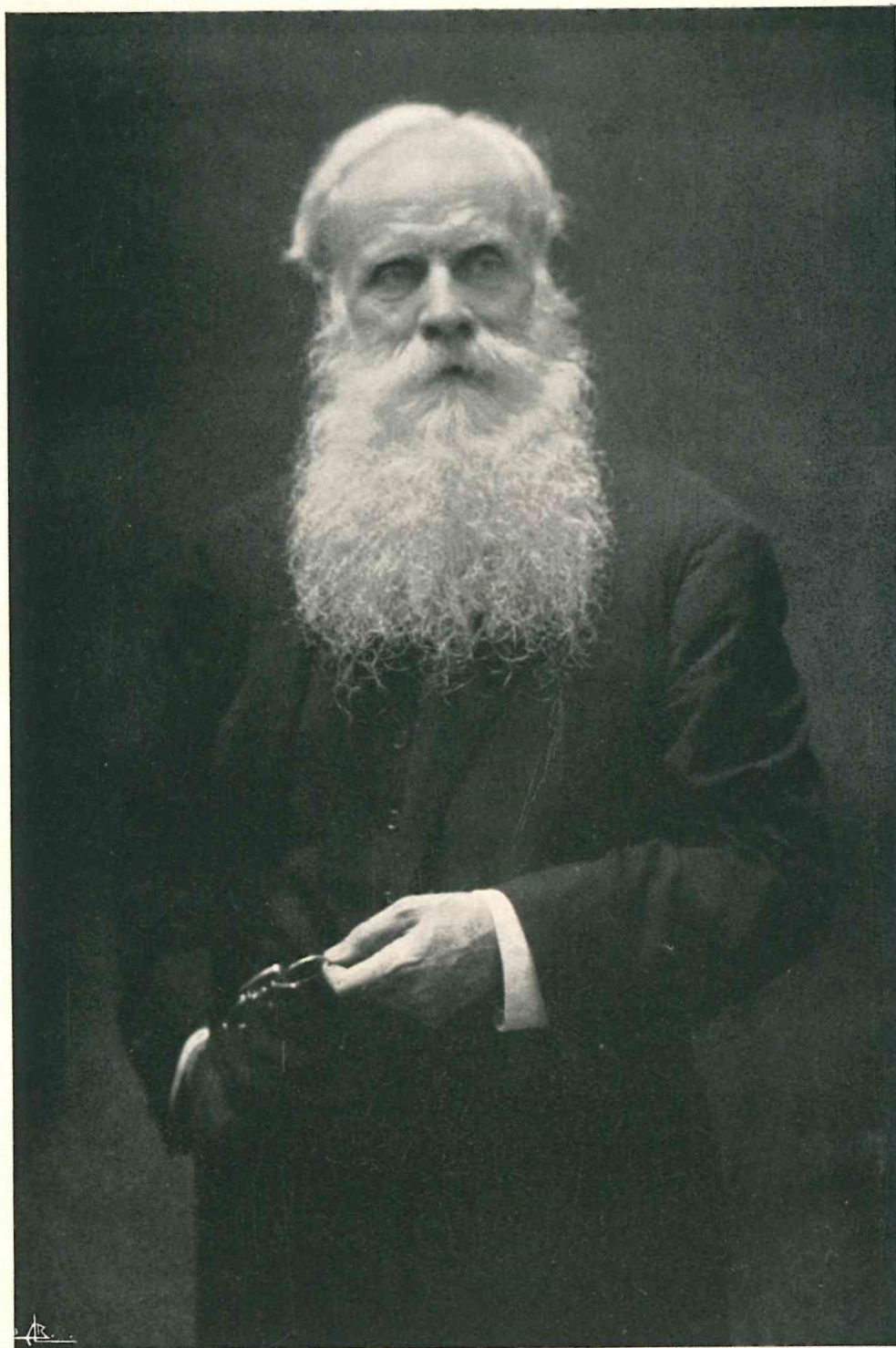
A. CÂNDIDO DA CUNHA



DR. JAIME MAGALHÃES LIMA



A. CÂNDIDO DA CUNHA



DR. JAIME MAGALHÃES LIMA

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

Cândido da Cunha

O PINTOR DO MISTÉRIO DA PAISAGEM

Conferência lida no salão Silva Porto por ocasião
da abertura da Exposição dos Quadros de Cândido da Cunha, em 13 de Novembro de 1926.



PÔRTO

1926

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas
da Sociedade de Papelaria, L.da
321, Rua da Boavista, 321 — Pôrto. 1926

|LUSÕES affectuosas de homens
bons, de boa mente prontos
em suprir pela indulgência a exi-
güidade de aptidões daqueles aos
quais honram com a sua confian-
ça, quiseram que, mercê da sua
benignidade, eu fôsse chamado a
balbuciar aqui em breves palavras
o elogio do homem insigne e após-
tolo intemerato da arte que foi
Cândido da Cunha.

De-véras me pesa, na verdade,
a indigência de recursos, que me
entristece, para cabal desempenho
de tam alto e delicado encargo.

Cèrceamente o haveria declinado
se a fortuna da viva amizade dêsse
homem nobre, a qual durante pro-

longados anos e até à sua morte tam carinhosamente me afagou e desvaneceu e me esclareceu e ensinou — cèrceamente haveria declinado êste encargo, tam pesado para as minhas fôrças como grato ao meu coração, se a amizade não me afoitasse a juntar à grandeza do espólio do mestre a pequenez do meu culto e o fervor do meu affecto, única contribuição que ao seu justo renome posso trazer, onde de todo me falece a intelligência e o saber.

Em meio da minha dúvida e vacilação, certo, porém, estou de que, se o meu affecto em nada pode, infelizmente, engrandecer a memória de Cândido da Cunha, também, e por meu alívio, a pobre homenagem da minha dedicação não nega nem desdiz e nem sequer perturba a justiça que hoje lhe prestam os

que para tanto têm absoluta autoridade e fôrças bastantes.

Pois nesta exposição, que é como uma primeira claridade translúcida de alvorada erguendo-se sôbre a sepultura de Cândido da Cunha, pelo zêlo dos seus crentes e pelas próprias mãos do levita da Beleza inflamada, ateadada pela inspiração das criações a que as suas mãos deram vida, guardando em realidades sensíveis os sonhos da alma de um artista de excepção, privilegiado — nesta romagem a que vimos, devotadamente, a fortificar-nos na contemplação fascinante do escrínio de um legado precioso, aqui coincidem e se encontram a par e se confundem na mesma prece e no mesmo preito a mais singela saúde e a mais austera e sapiente justiça.

Aqui as razões de amor se en-

contram sossobradas e aplaudidas pelas razões da experiência e da observação lógica, a mais rigorosa, e ao reconhecimento do mérito por quem tem o direito de o julgar, pode responder sem a mínima quebra de harmonia aquela pena do afastamento doloroso do amigo que me enche o peito e é quanto a minha turvada obscuridade pode juntar à sua glória.

* * *

Morreu Cândido da Cunha, e muito bons espíritos que viveram em aturada familiaridade com o seu labor e as suas obras crêem que nem sempre em sua vida lhe foram fiéis a notoriedade e a fama, e é dever nosso reparar o agravo que daí lhe veio.

Porventura, no comum da crítica

e do público, Cândido da Cunha nunca teria tido tam larga e elevada estima, como aos seus merecimentos naturalmente cabia.

Sobretudo teria passado mal compreendida e não raro totalmente ignorada a singularidade de inclinações que o guiava, e uma ponderada distribuição de lugares lhe reservaria situação à parte entre os seus companheiros contemporâneos mais ilustres.

Não é que as suas telas se houvessem mirrado pelas paredes e empalidecido à falta de orvalhos encomiásticos que as humedecessem; mas da qualidade e composição dêsses orvalhos talvez haja alguma coisa a dizer.

Por exemplo:— «artista eminente» e «grande pintor» teriam sido epítetos que a prosa corrente quotidiana não regateou a Cândido da

Cunha, ou, antes, abundantemente lhe outorgou, com a leviandade e indiferença que tanto regista a virtude, onde subsiste e prevalece, como cobre de favores a mediocridade e entumece de lisonjas a estultícia, onde ela cobiçosa se afa-diga a solicitar o seu alimento predilecto.

Entretanto, «artista eminente» tanto o será quem hàbilmente maneja a frivolidade, e até o vício, e os torna fascinantes, como quem, com igual destreza e melhor fé, nos exprime a essência divina e nos embebe na sua luz e no seu amor.

E, quanto a «grandes pintores», muito teremos que distinguir: no âmbito dessa categoria acotovela-se, em larga e complexa extensão, gente de muita côr, desde o intérprete extático das almas pela representação pictórica, divinamente simbó-

lica, até ao tintureiro mercante que, pela acertada aplicação das tintas à imagem dos objectos que lhe impressionaram a retina, com êxito procurou estampar em meia dúzia de palmos quadrados de uma superfície lisa, sòmente e muito res- tritamente, o que os olhos avistam.

A ponto que freqüentemente acontecerá que o mais subtil e ágil tintureiro é um pobríssimo pintor, no sentido estético da palavra, mu- do, de facto, entre a exuberância caudalosa da sua policromia, e, in- versamente, não é raro, como a his- tória e os museus demonstram, que o mais eloqüente pintor seja um medíocre tintureiro, parco de mo- dalidades e efeitos, à míngua de ex- periência e aptidão de manipulador de laboratório químico.

Entre êsses dois «artistas emi- nentes» e «grandes pintores» há

distâncias incomensuráveis, quiçá conflitos e antipatias irreduzíveis, quanto distingue a alva do sacerdote do avental do droguista.

* * *

Se, empenhados em destrinças dêste género, entrarmos a examinar e graduar a obra de Cândido da Cunha, a primeira qualidade que ela nos manifesta, com uma evidência incontestável, é a sua unidade.

Há em todos os seus quadros qualquer coisa comum e constante que verdadeiramente os funde em um só alento impreterível.

A superficialidade pedantesca poderá dizer dos quadros de Cândido da Cunha que «quem viu um, os viu todos».

Porque a mudança de cenário não importou mudança de carácter,

logo se lhe afigurou repetição estreme o que foi apenas a actividade rítmica de uma fôrça constante, operando invulnerável em aspectos diferentes.

As deficiências da sensibilidade, que na apreciação da paisagem a limitam a contemplar a expressão externa e os seus instrumentos, e esquecem e radicalmente preterem o pensamento e a idealidade que a forma concreta foi chamada a exprimir, tomam por incapacidade do artista o que nós ignoramos e não vemos, por incapacidade nossa de profundar e pressentir as energias subjacentes; e põem à custa de falta de agilidade do artista para variar a escolha das formas ou a sua invenção o que é unicamente a persistência e ansiedade de uma emoção e de um pensamento que em tôdas as formas palpita.

Há uma paisagem, como externa e da exterioridade não passando, ávida de acidentes e essencialmente episódica; e há uma paisagem interna, que, inversamente, é parca de multiplicidade de aparências e se torna como ascética pela exigüidade e nebulosidade das formas que lhe bastam para revelar a profundidade e intensidade do seu alento íntimo.

Conforme uma ou outra destas paisagens buscamos, acharemos Cândido da Cunha pesadamente monótono ou sublimadamente religioso.

Sem embargo, a consciência acautelada e reflectida sabe muito bem, sem sombra de dúvida, que quem viu um quadro de Cândido da Cunha não os «viu todos», mas os «sentiu todos», o que é bem diferente e honra lhe seja.

Pois o que nessas telas está de

permanente e invariável não são árvores e montes e rios, que aliás variam de contôrno e côr e luz para Cândido da Cunha, como para qualquer outro pintor autêntico; o que lá encontramos imutável e nos cativa é o sentimento que animou o artista, e o move; é a emanção que vibra das suas telas; é, numa palavra, o milagre do carácter para o qual os objectos sensíveis são apenas os medianeiros da confissão e transmissão de uma aspiração, que não conhece ontem nem hoje, nem diferença de lugar, em todo o ambiente e em todo o tempo e a tãda a hora ostentando-se na sua pureza incorruptível, e na sua transcendência nos absorvendo e enlevando.

À parte, claro está, diverso grau de proficiência técnica e considerados os modos de ser peculiares a cada arte; guardadas as devidas

proporções e tôdas as distâncias de obrigação, a monotonia de Cândido da Cunha é simplesmente a monotonia dos grandes mestres, a monotonia dos que têm na sua obra o vigor e a correlação de um princípio.

É a monotonia de Corot e de Rembrandt, de Beethoven e de Mozart, de Bernardes e de Frei Luís de Sousa, de Dante e de Camões, — todos tam aferrados à unidade do seu ser que basta ouvi-los ou vê-los num relâmpago, para se lhes reconhecer imediatamente a identidade.

Em todo e qualquer aspecto dêsses génios há um «ar de família», tam vincado, uma nota predominante tam aguda e penetrante, que onde quer que a topemos é sempre a mesma, sempre a si mesmo idêntica, dessa identidade tirando todo

seu maravilhoso poder de impressão.

Quem lhe contemplou uma parcela, avistou a totalidade.

Em caso algum será o desfastio de um desconexo ajuntamento de acidentes; sempre a vibração de um momento corre a encorporar-se na mesma onda, e tôda a vibração nessa onda se confundirá.

É o que acontece com Cândido da Cunha.

Por um mesmo filtro passará as águas do Cávado e as do Águeda, e ao fim teremos que, sem lhes alterar a côr ou mudar a celeridade e a ondulação da corrente, a tôda a face mantendo a sua individualidade, sublimou-as em um só e único arrebatamento, em uma só e única transparência as verteu e confundiu.

Não foi aglomeração, divergên-

cia e sucessão o que se produziu; foi uma consubstanciação e simultaneidade que em toda a obra se operou, dando uma estabilidade transcendente a quanto é tangivelmente mudável e accidental.

Não foi a imitação do ser estranho que se estampou, duplicando a forma do que a natureza criou: foi uma abstracção que perpassou na forma e uma fulguração que viveu vida palpável e por ela nos confessou a sua espiritualidade.

Não foi a ostentação de um espectáculo que nos chamou e deslumbrou: foi a iniciação no mistério que nos enlevou.

* * *

Êsse carácter da obra de Cândido da Cunha, a emanção essencial da sua arte que de todas as

suas telas ressuma em uma identidade inalterável e íntegra, isso que êle com um admirável e seguro poder estético nos sugere, é o sentimento do mistério, que funde na harmonia cósmica a vibração de tôda a paisagem, é o clamor da voz do Infinito que nos vence e prostra em obediência e louvor.

De um quadro, onde se expande e ondula o revestimento da terra e a sua irisada atmosfera, Cândido da Cunha desprende ecos de hinos religiosos erguidos à majestade, onipotência e onipresença de Deus.

Nas suas paisagens, jãmais se desencadeia o tumulto da natureza orgiaca.

Por certo lhe repugnaria; onde os seus ímpetos e as suas convulsões o houvessem tentado, depressa lhes voltaria costas, por

lhes sentir um vago travor de blasfêmia e de grito sacrílego.

Suspeitar-lhe-ia uma recôndita depravação da ingenuidade e da graça, e fugiria de a servir.

Docemente baptizadas no pudor, as suas paisagens parecem recolhidas para o murmúrio de uma oração infinda.

Nem outra atitude que lhe seja salutar poderá convir à unção religiosa, que une a terra aos céus e resgata na suavidade angélica a rouquidão de túrbidas energias criadoras.

A cada forma, ainda à mais rude e à mais apagada, Cândido da Cunha intuítivamente cinge uma auréola de transposição para o infinito.

Todo o pó repassa dessa luz: árvores, montes, águas, o penhasco e o prado, a bonina e o cedro, o

rio e a floresta, e o outeiro e planície, a todos por igual atribuiu insígnias sacerdotais resplendentes.

Em cada mancha das suas telas há como uma liturgia mística; da areia como da fôlha incessantemente se erguem os fumos do incenso da adoração.

Parece que o esforço das realizações concretas, que a arte impõe e são seu mister, ali abriu de par em par ao artista os umbrais dos templos dos mistérios da vida e o encaminha, infatigável, nas suas veredas, para o convencer da própria fraqueza perante os esplendores divinos e o precipitar na humildade, de todo o destituindo do natural orgulho que justificadamente adviesse do espectáculo da beleza consumada pelo labor dos seus talentos.

Um nosso contemporâneo eminente, o Sr. Oliver Lodge, discorria, ainda não há muito tempo, e proficientemente, como é próprio do seu peregrino engenho, sôbre a «realidade do que não se vê».

Semelhantemente, as telas de Cândido da Cunha têm o particular condão não só de mostrar, mas também de cantar e louvar, por intercessão das coisas visíveis, a realidade das coisas invisíveis; e, entretanto, o que das coisas visíveis colhemos, torna-se mínimo em face da amplidão infinita das coisas invisíveis, a cuja imensidade a arte nos transportou.

Algum dia, a ironia desdenhosa e altivamente científica, escrava do mundo palpável e outro não sendo capaz de conceber além dêste e acima dêste, a ironia que escrevia Ciência e Positivismo com maiúscu-

cula, chamava misticismo a êsse estado de espírito, e, como se de enfermos curasse, excluía passivamente do grémio dos sãos quem se houvesse deixado possuir daquela energia transcendente que desenhou e coloriu os quadros de Cândido da Cunha e nos comunicou a sua aspiração e a sua commoção.

Mas hoje, na ruína desapiedada dos castelos de cartas das verdades tangíveis a que o nosso tempo está assistindo, trocando-as pelas edificações mais sólidas que o império do imponderável cimenta, hoje poderemos talvez dizer, sem maior receio de errar, que o título mais elevado de grandeza que adornou e enalteceu a arte de Cândido da Cunha foi a fidelidade religiosa aos poderes divinos revelados na paisagem, e a tenacidade e a inteligência

com que dessa fidelidade nunca se apartou.

Facto notável, digno de ponderação e de memória neste ponto e nesta atitude das suas irreprimíveis tendências, Cândido da Cunha foi verdadeiramente um precursor.

Foi um idealista e um místico no tempo em que idealista e místico era pouco menos do que um rótulo pejorativo.

Havendo vivido a sua vida de arte nos quarenta anos que vão de 1886 a 1926, Cândido da Cunha iniciou a sua luminosa carreira exactamente no momento dos triunfos mais audaciosos e retumbantes do materialismo e do realismo, nos tempos das exhibições despejadas de tôda a nudez carnal e das bacanais da sensualidade, admiravelmente servida em tese e na prática pelos romances de Zola e seus numero-

Os tempos actuais que cerraram os olhos a Cândido da Cunha, outros são e muito diversos daqueles

em que deu os primeiros passos e calçou terreno ingrato.

Mais propícios à sua crença, eis que começam a aclamá-la em vez de a insultar, como os tempos imediatamente anteriores haviam feito.

Mas, pela doçura do conforto e do repouso final que lhe coroou os seus afanosos dias, não se esqueça quanta robustez e fortaleza de ânimo e integridade moral foi necessária a Cândido da Cunha, para levar a consciência a pôrto de salvamento e perfazer a jornada que lhe foi vivamente agreste e tenebrosa no comêço, e ainda na maior parte do seu violento percurso.

¡A quanta indiferença e ignorância o trouxe exposto!...

Foi assim, por estes escabrosos trámites, que nos quadros de Cândido da Cunha o poeta venceu e

dominou o pintor, guiando-o, disciplinando-o e sublimando-o.

* * *

Sem a tutela de qualquer compêndio de filosofia estética que o estorvasse, sem ter por detrás do cavalete uma biblioteca a adverti-lo e a oprimi-lo; ao largo de escravidões sectárias que o tolhessem; movendo-se serena e desafogadamente na liberdade alada de ingenuidade, que é a condição mais nobre do artista e a mais fecunda; isento de todo o preconceito doutrinário e apenas confiado aos impulsos espontâneos do seu ânimo e aos mandados de visões virgens de tôda a preocupação especulativa, Cândido da Cunha obedeceu todavia a princípios estéticos, que, por não serem no seu pensamento definidos em

sistema e ordem lógica, o que era alheio à sua vocação, nem por isso subsistiam menos insistentemente nas suas criações, pois criações eram as suas paisagens, geradas de interpretação de uma essência superior.

Não eram reproduções do quer que fôsse; pelo contrário, envolviam e patenteavam a negação radical da fidelidade fotográfica e do traslado mecânico.

No fundo, embora pela discrição e reserva do seu falar o não parecesse, — certamente porque a própria robustez dos seus princípios os punha fora de todo o arrazoadado e discurso, que são o condimento obrigado da dúvida — no fundo, Cândido da Cunha era um homem de princípios.

Nem há artista verdadeiramente grande sem o alento fundamental

de princípios coordenadores, aos quais tôda a sua obra seja sujeita.

Sem a assistência de centros de gravitação que a obriguem a guardar o ritmo, desconjunta-se, fragmenta-se e pulveriza-se, no tumulto e na inanidade de quanto corre desvairado e sem senhor.

Então é apenas um tropel — às vezes brilhante, mas tam breve como brilhante.

Se uma obediência não se lhe subentende e prevalece, tôda a obra humana, e a obra de arte mais que qualquer outra, se dissolve surda, cega e vã, radicalmente incapaz de significado.

Onde Vauvenargues imaginou que «o estudo da verdade tinha de preceder a eloquência» porque «não se podia chegar à eloquência sem primeiro saber pensar, e não se sabia pensar se não tínhamos

princípios fixos, tirados da verdade», aí se proclamou uma lei, que não é privativa da eloquência, mas comum e indeclinável em tôdas as artes.

Por fôrça das exigências naturais de todo e qualquer instrumento de expressão da nossa alma, sempre êsse instrumento será deficiente e a expressão em que colabore será nada, onde instrumento e expressão não forem mandados e regradados pela energia daquelas fôrças iniciais que chamamos princípios — ou êsses princípios tenham vindo daquela qualidade de esforço nosso a que usamos chamar estudo ou pensamento ou cogitação intencional e consciente, ou êsses princípios nos sejam congénitos, um bem de Deus.

Dos princípios estéticos subjacentes na arte de Cândido da

Cunha e praticamente encarnados na sua aguda intuição de artista, eu não sei de exposição melhor do que essa que profusamente leio nas linhas e entrelinhas da *Estética* de Colin McAlpin (1), não duvidando todavia de que Cândido da Cunha lhe desconheceu a leitura e até o nome do autor, enquanto brilhantemente a exemplificava e seguia, sem embargo da sua ignorância de facto e com infinita vantagem suprida pelos segredos que a inspiração lhe murmurava.

À margem de cada paisagem de Cândido da Cunha eu quereria escrever, como a mais elucidativa das apostilas para a compreensão das suas tendências, um conceito de

(1) Colin McAlpin. *Hermaia, a Study in Comparative Esthetics*. (J. M. Dent & Sons, Londres, 1915).

McAlpin. Para a definição do seu ânimo e para interpretação cabal da sua obra não sei de melhor comentário que estas breves máximas de estética que quasi ao acaso vou colhêr entre a copiosa e soberba abundância do livro de McAlpin:

«Tôda a natureza serve um fim duplo: não só sustenta a utilidade física como também deseja ministrar um pleníssimo êxtase do espírito.»

«Por outras palavras, a natureza não é meramente uma invenção matemática, pois em todo o seu aspecto se estampa a generosidade profusa do Artista Divino.»

«Os poetas não são os únicos simbolistas.»

«Também a natureza é simbólica.»

«Quere ser interpretada não só como objecto de razão mas, à seme-

lhança da natureza mais íntima da arte, como a proclamação sugestiva de verdades mais altas que ela mesma.»

«Daí vem que a natureza esboça a carreira das almas e é a analogia material do espírito.»

«A arte é o reflexo da existência total.»

«Os produtos mais nobres da inspiração são maiores naquilo que sugerem que naquilo que realizam.»

«Nas palavras de Emerson:—A nossa música, a nossa poesia, até a nossa linguagem não são realizações completas e definidas, mas sugestões.»

«Nunca saberemos quanto é que da beleza de natureza é devido à nossa própria constituição estética.»

«As glórias da criação inanimada podem realmente referir-se aos belos dotes dos nossos corações.»

«O mistério somos nós.»

«É a consciência do homem que dá côr ao cosmos.»

«A natureza humana transcende a natureza física.»

«É tam difícil conceber a transição da vida para o espírito, como a passagem da água para o vapor.»

«O artista vê a natureza tanto com os olhos como com o espírito.»

«A tragédia da alma é de alcance mais profundo e mais dilatado interêsse que a glória do que é puramente físico.»

«Pôsto que espiritual na essência, a arte não pode deixar de ser sensual na manifestação.»

«É simbolismo, não é substância; idealidade, não identidade.»

«Por outras palavras, a arte não pode identificar-se totalmente com a realidade mas deve, na escala as-

cendente da beleza, colocar-se um degrau distante do modelo que lhe excita a admiração e estimula as energias.»

«Assim, é mais questão de aproximação que de apropriação absoluta.»

«A arte genuína não expõe, exprime: não argumenta, aspira.»

* * *

A ironia do destino, nem sempre propensa a aplanar-nos o caminho, quis que o poeta que dêste modo sentia, concebendo e servindo a arte nos termos em que McAlpin a concebe, fôsse votado, por instância de suas aptidões técnicas, a exprimir a contemplação e a sua fé em linhas e côres.

O vidente e o devoto exaltado das forças imponderáveis e supre-

*

mas que regem a nossa alma e o mundo, ia ser coagido por vocação de suas faculdades inatas a exprimir os cânticos de uma religião na mais limitada e positiva das artes, tôda fundada em definição exacta, estabilidade e imutabilidade.

Tinha de realizar o milagre que, por fortuna sua e nossa, realizou, de tirar do visual o sonoro.

Porque a paisagem de Cândido da Cunha é muito mais sonora que visual; muito mais uma vibração que uma edificação; muito mais emanção do que forma.

Daqui as freimas incessantes com que o mortificava uma técnica indócil, por condição rebelde ao significado que o artista lhe pedia; daqui o fácil descontentamento do que havia feito, a emenda interminável em que se empenhava, a inclinação a inutilizar e recomeçar, que

aniquilou tanta beleza, com grave prejuízo da fama de quem a criou e da riqueza da nossa gente, que a entesourava e vê reduzida a herança de jóias de alto preço que a desvaneciam.

Sempre tendo na sua presença o poder da harmonia, que criou a forma e nela habita e de contínuo a faz palpitar, Cândido da Cunha não se resignava com a distância dêsses cimos inacessíveis a que tôda a arte se encontra, e parecer-lhe-ia que, quanto conseguia dizer e comunicar-nos, era insuficiente, senão mesquinho, perante o que de inefável sentia no seu peito e não podia traduzir em substância visível.

De todo cativa do que eleva o espírito à majestade divina e sacrificando-lhe, por mínimo, o que delicia os olhos e por afago da sensualidade nos prende à terra, a arte

de Cândido da Cunha ia topar, com grande pena sua, em problemas pouco menos de insolúveis; quanto maior e mais evidente desenvolvimento concreto atingisse, quanto mais multiplicasse a côr e a linha, mais se afastava da imaterialidade por que ansiava.

O seu êxito havia de o buscar e continuar em uma série de eliminações tam complexas e subtis como perigosas; havia de o fundar no desbaste do que era preciso e terminante, substituindo-o pelo que era vago e impalpável.

Para bem cumprir os mandatos íntimos da sua imaginação, impunha-se-lhe uma atenuação progressiva de valores, que o obrigava a difundir, em vez de concentrar e gravar.

Se, repetindo o conceito de McAlpin, houvermos por sabido que

«é tam difícil conceber a transição da vida para o espírito como a passagem da água para o vapor», aflito será para o artista renunciar à scintilação de cristalizações que lhe jorram do pincel, para as dissolver em uma nebelina, aliás infinitamente mais luminosa e vibrante na sua insondável e mística profundidade que tôda a rigidez, diamantina que esta seja.

Na sua missão, na sua laboriosa missão sacerdotal, Cândido da Cunha, chamado a interpretar a paisagem e a dar-lhe voz, tornou palpável e insinuante o mistério, ergueu a carne ao mistério e fêz que o mistério baixasse à carne e a habitasse: numa palavra, por paradoxal e contraditória que semelhante presunção pareça, reduziu a forma à condição etérea.

Assim, por bem avisado e sábio

governo de modelação, nas paisagens de Cândido da Cunha o volume sobreleva ao desenho, a tonalidade vela a franqueza afirmativa da côr, e onde o desenho e a côr aflo-ram do alvor diáfano e se acentuam, firmando a modelação, será passageiramente e apenas para, pela contigüidade de contrastes, acrescentar a amplitude e o amorfismo de uma atmosfera opulenta de melancolia e suavíssimo devaneio.

* * *

Desta submissão de arte a uma essência divina e suprema derivariam as pressões que em Cândido da Cunha amoldaram o carácter do artista.

Da sua sensibilidade estética, da contemplação de uma natureza que é sòmente o rumor fugaz de uma

outra natureza mais alta, insondável em seu poder e desígnio último, teria vindo a sabida modéstia de Cândido da Cunha.

Foi no seu temperamento o facto lógico de uma psicologia indivisível.

A intuição estética que lhe alentou e modelou a obra de arte, regrou-lhe o carácter moral e repasou-o de encantos, idênticos àqueles que nas suas paisagens nos enlevam.

A essa discreta reserva de Cândido da Cunha, quási tímida, costumávamos chamar modéstia.

Eu, porém, preferiria chamá-lhe humildade.

Porque a modéstia será talvez um sentimento de hesitação e interrogação, subentendendo a admissão de uma resposta laudatória; será a desconfiança transitória dos próprios merecimentos, por escrúpulos

de consciência deixados à sentença do juízo alheio; será apenas uma rêde de suspeitas que, pelo receio iminente do desgosto de encontrar pouco relativamente ao seu desejo e esperança, não ouse sequer medir a sua obra, por segurança lhe attribuindo acanhadas proporções e dêste modo a colocando ao abrigo do vexame de um desmentido.

Mas a humildade é rasgada-mente afirmativa e convicta.

Sabe, de certeza plena, que a suposta grandeza dos homens é nada, é sombra de uma sombra, perante os poderes sobre-humanos que regem o cosmos; e fortalecida pelo império severo desta visão, a humildade converte em submissão absoluta ao que e a quem é infinitamente maior que o mundo, quanto de amor próprio ainda resta na modestia, nunca inteiramente desenga-

nada do apetite de honras que no rumor das vaidades possam caber-lhe e desvanecê-la.

Disciplinado por essa obediência que o amor da paisagem e a sua estreita familiaridade lhe revelaram e insinuaram no contacto de toda a palpação da natureza, Cândido da Cunha intuitivamente lhe transferiu a humildade para as relações com a sua própria obra e com os homens; a sua obra sempre lhe pareceria imperfeita, se a referia à grandeza suprema donde vinha e à qual queria representar, e no mesmo pendor e por idêntica sujeição o seu trato se tornou de uma suavidade extrema.

Porque o próximo, letrado ou analfabeto que ele fôsse, facilmente lhe parecia grande e maior do que ele; como tal o respeitava e servia, como se menor fôsse em toda a

conjuntura, ainda mesmo quando um momento de justiça menos timorata de-pressa e completamente poderia assegurar-lhe que do seu lado estava tôda a superioridade de talentos e virtudes.

* * *

Assim havendo sido o artista e o homem, agora poderemos porventura explicar aquela enigmática e arrastada frieza que no comêço dêste rápido e claudicante exame apontamos, êsse surdo desprendimento que apartou das correntes da popularidade o nome de Cândido da Cunha.

Porque é manifesto que Cândido da Cunha, desde muito cedo venerado e admirado e amado por um reduzido número de espíritos de eleição, que sem tardar lhe conhece-

ram o mérito em tôda a sua extensão, que grande é e por igual luminosa, Cândido da Cunha, não obstante os fachos da Beleza que o seu sacro fervor incessantemente acendia aos nossos olhos, viveu a distância, e não raro descuidadamente ignorado daqueles outros, muito numerosos, que, para apreciar a vida, carecem de a sentir proclamada nas trombetas da fama e só ao seu clamor se rendem inconscientes e dóceis.

Tinha boas razões, na realidade, êsse apartamento, que alguns tomarão por escândalo, mas que a austeridade, mais conforme com a fatalidade do mundo, julgará afirmação e um dos muitos sinais das bênçãos que lhe couberam e o distinguiram.

«Amei a justiça e aborreci a iniquidade. Por isso morro no exílio.»

—Êste foi o lamento de Hildebrand, o Papa Gregório VII, ao considerar os seus passos de apóstolo e o duro infortúnio que os rematou.

As suas lutas e a sua fé e o seu ardor em bem dos homens, vitórias e desastres e a honestidade religiosa dos mais nobres incentivos íntimos, conduziam ao exílio; êsse era o derradeiro abrigo a que a ordem do mundo os votava.

Mas não é sòmente o amor da justiça e a repulsão da iniquidade que nos traçam a estrada do exílio e nela nos precipitam.

Ao exílio conduz quanto desprende o homem das escravidões da terra e o eleva à obediência dos poderes infinitos da espiritualidade; ao exílio vai tanto a alma religiosa, que no Profeta de Assis sofreu a negação dos próprios filhos da sua alma, como o arrebatamento

poético, que condenou Camões à indigência.

Só a qualidade do exílio é que difere, que não a violência do afastamento que êle determina.

Porque exílio é o sequestro em cárceres fechados a ferros: exílio é o deserto e o ermo; e exílio é também a indiferença e o desconhecimento das multidões que, sem do seu grémio expulsarem o cren-te, à míngua de simpatia, lhe erguem em tórno, onde quer que êle habite, muralhas altas de ingrati-dão.

Bem-aventurados os que êsse exílio sofrem, porque, em prémio, em suas visões participaram da eternidade.

E essa foi também a sorte gloriosa de Cândido da Cunha.

JAIME DE MACALHÃES LIMA,

in the... the... the...

the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

the... the... the...

biblioteca
municipal
barcelos



60067

Cândido da Cunha